

“MONHÃ VIVE!”:

A FÉ BRIOSA NA LUTA DO POVO TUPINIKIM DE ARACRUZ-ES

Monhã lives:

The strong faith in the struggle of the Tupinikim people of Aracruz-ES

David Mesquiati de Oliveira¹

RESUMO

A proposta do título quer mostrar o elemento de resistência, memória e identidade desses povos, contribuindo assim, para seu fortalecimento e afirmação no cenário brasileiro e no cenário latino-americano atual. É também um recorte metodológico que possibilita analisar parte da riqueza Tupinikim hoje. O subtítulo esclarece o teor da pesquisa: uma abordagem intercultural da religião e cultura indígena em seu local de atuação (região de Aracruz-ES), considerando esses povos sujeitos no processo de encontro e diálogo com os cristianismos (e com a cultura ocidental), com quem tiveram contato e de quem se apropriaram de vários elementos.

Palavras-chave: Tupinikim. Espiritualidade. Interculturalidade.

ABSTRACT

The title of this paper indicates the strength, memory and religion identity of indigenous people. It is a contribution to strengthening and affirmation of the indigenous in the Brazilian scenario and in the current Latin American scene. With this methodological approach, it is possible to analyze a part of Tupinikim wealth today. The subtitle specifies an intercultural approach to religion and Indian culture in their place of work (Aracruz-ES region). The Tupinikim is considered a subject people of their own history in the process of encounter and dialogue with Christianities (and Western culture) appropriated several elements. It is a culture in transformation keeping religion.

Keywords: Tupinikim . Spirituality. Interculturalism .

RESUMEN

El título de este artículo indica la resistencia, la memoria y la identidad de los pueblos indígenas a partir de la religión. Es una contribución al fortalecimiento y la afirmación de los indígenas en el escenario brasileño y en el actual escenario latinoamericano. Con este enfoque metodológico es posible analizar una parte de la riqueza Tupinikim hoy. El subtítulo especifica: un enfoque intercultural de la religión y la cultura india en su sitio (región de Aracruz-ES). El Tupinikim es considerado un pueblo sujeto de su propia historia en el proceso de encuentro y de diálogo con los cristianismos (y la cultura occidental) de la cual se apropió de varios elementos. Es una cultura en transformación manteniendo su religión.

Palabras clave: Tupinikim. Espiritualidad. Interculturalidad.

¹ Doutor em Teologia (PUC-Rio) e Pós-doutorando do PPGT da Faculdades EST. É membro do GP *Interculturalidade na América Latina* da Faculdades EST e docente do PPGCR da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA).

INTRODUÇÃO

Esse ensaio busca refletir sobre a história do povo indígena Tupiniquim – localizados no Estado do Espírito Santo, Brasil – e sua luta pelo reconhecimento da identidade indígena na sociedade capixaba por meio da religião. Depois de muitas décadas de enfrentamentos, migrações e resistência frente aos processos colonizadores e aglutinadores que sofreram em sua história nos últimos 500 anos, esses povos chegaram ao século XXI em pleno processo de revitalização cultural e religiosa.

Utilizaremos uma expressão típica da sociedade ocidental como vínculo dessa expressão religiosa: espiritualidade. Entendemos por *espiritualidade* “o conjunto das perspectivas e das atividades humanas voltadas para tudo que o ser humano busca como verdade, bem, beleza, justiça: realidades ou valores que estão no horizonte da vida humana, sustentam-na e se manifestam no dia-a-dia” (Catão, 2009, p. 15). Francisco Catão indica que na tradição judaico-cristã essas realidades ou valores vêm de Deus, que é Espírito. Nas tradições indígenas, viria do Grande Espírito² e das relações com a Natureza viva. Para o Tupinikim essa divindade suprema é Monhã ou Monã.

OS TUPINIKIM DE ARACRUZ

Os Tupinikim de Aracruz conseguiram ter suas terras regulamentadas pelo governo brasileiro depois de décadas de reivindicações, uma prova do reconhecimento pela longa presença desse povo no Estado³. Aracruz é o único município dos 78 do Estado do Espírito Santo que possui Terras Indígenas (TIs) regulamentadas. Essas Tis estão em um raio de 50km da sede do município e distam cerca de 70 km da capital do Estado, Vitória.

Apesar de ter nascido na capital Vitória e de ser esta cidade meu atual domicílio, passei minha infância e idade escolar na região de Aracruz-ES. Meu pai trabalhou 17 anos na Aracruz Celulose e tínhamos casa na sede do município e no litoral, no distrito de Coqueiral de Aracruz (bairro criado e urbanizado na época pela multinacional para atrair mão-de-obra fora da região). Durante alguns anos do Ensino Fundamental estudei na escola pública de Coqueiral, que recebia alunos indígenas da região (chegavam de

² Grande Espírito é uma expressão aceita entre vários povos indígenas para designarem “Deus”.

³ Foram consideradas “Terras indígenas tradicionalmente ocupadas” nos termos da legislação vigente. Cf. Brasil, 1996. As últimas homologações presidenciais por decreto aconteceram recentemente, em 2010.

ônibus fretado pela prefeitura). Algumas reservas indígenas (Tupinikim) estavam localizadas na estrada entre a sede do município e o litoral, por onde passei muitas vezes. Outras reservas (Guarani) estão na saída de Coqueiral para Vitória, na rodovia que passa pelo litoral, enquanto outras (Tupinikim) estão próximas à fábrica de celulose, na região norte do município.⁴

Duas etnias povoam atualmente a região⁵: Tupiniquim e Guarani. Estão distribuídos em nove aldeias, sendo quatro Guarani e cinco Tupiniquim. Os primeiros mantêm a língua e a religião, o artesanato e as manifestações culturais mais reservadas, fazendo a opção pela estratégia de sobrevivência separados dos não indígenas, uma estratégia que busca isolar-se para manter a “pureza” cultural. Ao contrário desses, os Tupinikim adotaram a estratégia da aproximação e da interação. Lamentavelmente, como resultado do encontro assimétrico com o colonizador, muitos traços da cultura e da espiritualidade Tupinikim desapareceram. Ainda assim, mantiveram a identidade indígena.

O fato de haver Tupinikim vivendo em TI demarcada e regulamentada no Espírito Santo afeta positivamente seu padrão de subsistência e suas dimensões de caráter simbólico no plano da etnicidade (IBGE, Censo Demográfico, p. 15-16), um fato positivo para a coleta dos dados. Até o final de dezembro de 2010 havia 505 TIs reconhecidas no Brasil, sendo que a maioria está concentrada na região conhecida como Amazônia Legal (IBGE, Censo Demográfico, p. 17). As TIs do Espírito Santo destacam-se no cenário nacional como a região de menor taxa de analfabetismo, com taxas inferiores até em relação aos indígenas que vivem fora dos aldeamentos (8,7% nas TIs e 10,1% fora delas). Junto com o Estado de Santa Catarina, o Esp. Santo é um dos Estados que possui um número maior de indígenas com rendimentos acima de 1 salário mínimo. O jornal local *Folha do Litoral* noticiou em julho de 2013 a construção de uma escola indígena na TI Tupiniquim de Irajá, orçada em R\$ 781mil e com capacidade para 240 alunos em três turnos, entregue à comunidade em 2014 (FOLHA DO LITORAL, 2013).

⁴ Meus pais eram da Assembléia de Deus de Aracruz que mantêm projetos missionários na região. Acompanhando-os, quando criança, fui algumas vezes às reservas, onde participei de cultos e algumas visitas.

⁵ Os primitivos habitantes da região norte do Espírito Santo eram os Temiminós, mas na época da chegada dos portugueses, já haviam Tupiniquim distribuídos em várias regiões, desde o sul da Bahia até o norte do Rio de Janeiro. Cf. IBGE, 2014.



Figura 1: Professor nativo na escola bilíngue Tupi-Guarani e Português inaugurada em Aracruz em 2014.

Ainda de acordo com o Censo IBGE 2010, nas TIs de Aracruz vivem 3011 indígenas distribuídos em 716 domicílios. A maioria tem banheiro e algum tipo de esgotamento sanitário (684), bem como coleta de lixo regular (530) – outras 183 queimam o lixo em sua propriedade. Apenas 38 domicílios (5,3%) não têm energia elétrica, perfazendo um total de 94,7% com acesso ao serviço, muito acima da média nacional que é de 50% (IBGE, Censo 2010, p. 176s.).

A cidade de Aracruz-ES é um dos 78 municípios do estado capixaba. De acordo com o Censo IBGE 2010 é uma cidade que está entre os melhores índices do Estado. A tabela abaixo resume as principais características do Município:

Área 1.423.874 km ²	IDHM 2010 0,752	Faixa do IDHM Alto (IDHM entre 0,7 e 0,799)	Pop. indígena Único no ES com terra demarcada.
PIB de Aracruz R\$ 3.410.771,00	PIB de Aracruz 8 ^a no ES	Renda per capita 41 mil reais	Renda per capita 5 ^a no ES
Densidade demográfica 57,47 hab/km ²	Populosa 4 ^a cidade no ES	População 81.832 hab.	Distância da capital 60 Km

Fonte: Censo IBGE 2010.

TUPINIKIM E A LUTA DESIGUAL COM O COLONIZADOR, VERSÃO SÉCULO XX

Como os Tupinikim estão próximos aos centros urbanos e influenciados pelas tradições religiosas que missionaram entre eles, levantou-se a questão de que já não haveriam elementos próprios ou originários nesses povos. Parte desse argumento baseia-se em um “purismo” cultural estático e reducionista. Outras frentes de oposição estão relacionadas à exploração capitalista dos recursos naturais. Como exemplo, podemos citar as recentes difamações a que foram expostos na região, fruto dos conflitos com as forças de mercado. É o caso da multinacional, então Aracruz Celulose, em 2006. Apoiada por outras empresas, a Aracruz Celulose espalhou diversos *outdoors* depreciativos em relação aos indígenas, como mostram as figuras a seguir:



Figura 2: fotos de outdoor veiculados no ano de 2006 na região norte do Espírito Santo

Meses depois do ocorrido o Ministério Público conseguiu na justiça a condenação da empresa por difamação e propaganda abusiva. Essa mentalidade preconceituosa contra os indígenas teve outros capítulos na triste história Tupinikim.



Figura 3: Índios em suas terras demarcadas tomadas pela monocultura do eucalipto da multinacional



Figura 4: O uso predatório da terra destrói o habitat indígena

Outro problema foi no início de 2014 quando houve enfrentamentos com a VALE, antiga Cia Vale do Rio Doce (CVRD) em disputas envolvendo a questão da linha férrea Vitória-Minas, que atravessa as terras demarcadas pelo governo federal trazendo poluição, riscos e sem acordos sobre indenizações. Houve interrupção da via e protestos (CARTA ABERTA, 2014).

Caso curioso é o que envolve a Petrobrás que passa com gasoduto pela TI e a placa com o telefone da empresa para emergência estava com o número encoberto. Infelizmente as notícias envolvendo essas lutas aparecem no noticiário de forma pejorativa, como se fossem baderneiros, ou simplesmente não aparecem na pauta, invisibilizando o outro em sua condição de minoria.



Figura 5: Telefone da empresa para emergência com número encoberto.

Como os Tupinikim mantiveram sua identidade e memória ao longo desse longo processo aglutinador contra as indianidades? Que papel tem (teve) as expressões da sua espiritualidade para manter sua memória e pertença? Como fortalecer relações interculturais respeitadas que possibilitem permanecer Tupinikim, brasileiro e sujeito da sua própria história?

UMA FÉ BRIOSA

Como a estratégia de sobrevivência dos Tupinikim foi a interação com os recém-chegados colonizadores, sofreu longa e progressiva influência. No entanto, retiveram, ainda que eclipsada, sua espiritualidade viva através das artes (pintura da pele, artesanato, cantos, danças, etc.) e da defesa da sua terra, do seu modo de ser. Ainda que não seja percebida claramente nos primeiros contatos, por trás de todas essas expressões estão presentes os principais elementos da sua espiritualidade.

A mitologia e cosmologia Tupinambá e Tupinikim levou o índio a pensar-se integrado à natureza. Da religião dependiam para seu sustento e sobrevivência. Daí surgiram mitos e rituais de fertilidade, de colheita, de plantação, dos ritos de passagem (nascimento, passagem de criança para adolescência, da adolescência para fase adulta,

casamento, morte, etc.). Isso fez com que desenvolvessem um grande respeito pela natureza, não matando animais (exceção para alimentação) nem derrubando árvores (somente para construção de suas casas), e usando a terra de forma equilibrada, por meio de plantações de subsistência (Coutinho, 2006, p. 90).

Ainda de acordo com José Maria Coutinho eles eram considerados “henoteístas (e não politeístas), isto é, acreditavam num deus supremo, a que chamavam Monhã ou Monã, mas cultuavam vários deuses menores personificados no sol, na lua, nas estrelas e nas forças da natureza” (2006, p. 90s.). Monhã teria criado o céu e tudo que há, incluindo os seres humanos, decidindo viver entre eles. Mas devido a maldade dos seres humanos que o rejeitavam e ofendiam, Monhã teria enviado um fogo que destruiu todos os seres vivos, restando apenas um, Irin-Magé, a quem foi dada uma companheira. Dessa união remascente teria nascido Mair-Monhã (Filho de Deus) ou Maíra. Este com poder recreador teria repovoado a terra com animais, criando espécies diferentes em cada região. Entre muitos dos seus feitos teriam destaque a criação da mandioca, o costume do corte de cabelo circular, a depilação, etc. Maíra é o agente civilizador, herói cultural sobrenatural (2006, p. 91).

Outros nomes importantes no panteão eram Tupã (o trovão), Anhang (o fogo, o “diabo”), Jurupari (diabo, demônio, anjo mau) e outros. Além disso os rios eram encantados, as cachoeiras habitadas, e as árvores com vida. Afirma Coutinho: “respeitavam certos animais e pássaros. Acreditavam em duendes como o saci, o curupira, o caipora e também na Iara, a senhora dos rios, a mãe d’água, moradora das águas profundas dos rios e lagos” (2006, p. 92).

Para explicar esse mundo “almado” eles tinham os *paí* ou *paie*, que exerciam várias funções orientador, médico, professor, vidente ou xamã. Eram muito respeitados pelos Morubixabas (caciques) e pelo Conselho Tribal. Usavam ervas, magia, medicina e educação para legitimar seu poder. Essa função de prestígio e liderança podia ser exercida também por mulheres (Coutinho, 2006, p. 94).

Os últimos 500 anos foram interpretados como tempo de fogo, de influência negativa sobre o povo Tupinikim remanescente. Mas sua fé em Monhã e o apego às suas tradições tem mantido esse povo unido. Não fazemos apologia ao isolacionismo. Ao contrário, defendemos contato e relações simétricas com esses povos e suas tradições. Nesse sentido assumimos o paradigma da interculturalidade, que será desenvolvido no próximo tópico.

O NECESSÁRIO DIÁLOGO INTERCULTURAL E INTER-RELIGIOSO

O recente aumento da percepção do pluralismo cultural, da cultura emergente, da cultura urbana, do secularismo, das culturas autóctones, da pluralidade religiosa e da conseqüente necessidade de diálogo aberto, representam um desafio silencioso à teologia. Esta que foi durante séculos e em muitos dos seus segmentos, concebida majoritariamente monocultural precisa se reinventar para florescer no mundo atual pensado diversificadamente. Por outro lado, é perceptível que o movimento indígena em vários países da América Latina e do Caribe protagoniza novas lutas e ganha espaço nas sociedades nacionais, readquirindo seus direitos a uma cidadania diferenciada.

Trilhando um caminho de autocrítica vamos resgatar alguns exemplos que mostram como igrejas e cristãos (baseados em teologias de recorte monocultural) “sacrificaram” povos indígenas com seus programas de “evangelização” (CHEUICHE, 1995, p. 61), ainda que estivessem imbuídos de boas intenções. Lori Altmann reflete:

A América Indígena, na verdade, não foi descoberta, foi invadida, e acho que daria para dizer melhor ainda: ela foi encoberta – como fala o padre Meliá – e é hora de a gente descobrir essa América indígena que foi encoberta, encobriu-se a língua indígena, encobriu-se a economia indígena e, especialmente, encobriu-se a religião indígena (ALTMANN, 1994, p. 49).

Esse “encobrimento” marcou a posição frente às culturas originárias. Os “índios” foram considerados alguém incapaz, sem conhecimentos, e por isso deveriam receber tudo de outra sociedade, vista como “superior”. Culminou na “domesticação” dos nativos para o trabalho escravo e no desaparecimento (com violência) de culturas e povos. Lori Altmann continua:

A evangelização que deveria ser boa notícia, passou a ser uma má notícia. Uma má notícia, de sofrimento e de morte. A prova maior dessa má notícia é que as igrejas e os cristãos foram crescendo, fortalecendo-se, enquanto os povos indígenas foram se enfraquecendo, diminuindo e alguns, inclusive, foram exterminados. Esse é um contra-testemunho, para nós cristãos. [...] a maior parte dos indígenas evangelizados no Brasil, não só no caso dos guarani, não estão dentro das Igrejas (ALTMANN, 1994, p. 50).

Para Leonardo Boff as vítimas têm voz que confrontam os cristãos hoje e exige reparação. Eles são a permanente má consciência do cristianismo (1992, p. 9s.). E sim, pode-se fazer muita coisa. Começando por mudar o rumo e prosseguindo em comprometer-se com a reparação dos danos historicamente causados. Os povos indígenas são originários e tiveram suas terras invadidas; não podem ser anulados pois compõem nossa latinidade e nossa brasilidade. Que não fiquem somente na história ou nos museus, mas que possam ser sujeitos da sua própria história em suas terras e para além delas.

A relação entre culturas tem diferentes perspectivas: aculturação, transculturação, adaptação, acomodação, inserção, indigenização, contextualização, encarnação, inserção, etc. No momento alguns neologismos estão mais frequentes na teologia: inculturação e interculturalidade. Sobre essa segunda expressão Raúl Fornet-Betancourt⁶, um dos intelectuais latino-americanos que mais tem pesquisado o tema da interculturalidade na sua relação entre Filosofia e Teologia na América Latina, apresenta algumas particularidades que não permite o uso indiscriminado do termo, como se dá na atualidade. Ao nos debruçarmos sobre as implicações da interculturalidade para a teologia será produtivo dialogar com o referido autor, pois poderá servir para avançarmos no debate atual sobre as questões interculturais e as relações interétnicas.

Ao propor a interculturalidade, Fornet-Betancourt abre um precedente para defender que as culturas indígenas podem ser sujeitos em igualdade de condições e direitos de interação com as demais culturas. Espera-se um diálogo realmente aberto, que respeite a diferença do outro e se pautem pela reciprocidade. Não há privilégios de uma cultura sobre outra. Nem uma suposta superioridade pela tradição. Isso tem implicações teológicas muito sérias.

Assumimos a definição de Fornet-Betancourt como ponto de partida para esta pesquisa:

Interculturalidade quer designar [...] aquela *postura* ou *disposição* pela qual o ser humano se capacita para, e se habitua a viver 'suas' referências identitárias *em relação* com os chamados 'outros', quer dizer, compartilhando-as em convivência com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e recolocação

⁶ Filósofo cubano que leciona em Aachen, Alemanha. Ele tem aprofundado este tema em várias publicações e artigos nos últimos 20 anos.

cultural e contextual. É uma atitude que [...] permite-nos perceber o analfabetismo cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a ‘própria’, para ler e interpretar o mundo (FORNET-BETANCOURT, 2004, p. 13).

A religiosidade indígena tem sua forma própria de interpretar o sobrenatural. Não está apoiada em uma sistematização teológica ou em uma estrutura eclesial. Sua relação com o divino ou Grande Espírito é aberta, inclusiva (FLORES, 2003, p. 12). Sua forma de adoração é aberta, “não é direcionada por nomes, estruturas ou proselitismo, mas pela aceitação do culto do outro, que procura sempre somar, nunca dividir” (FLORES, 2003, p. 13). Flores sugere que essa é a chave para se entender os povos indígenas.

Adorar é desfrutar plenamente a Criação. E isso acontece andando na mata, deitado na rede, assistindo um culto católico ou protestante. É a forma como vivem: “forma aberta de adoração é adorar na plenitude, independente do local ou de quem está ao lado” (FLORES, 2003, p. 13). Os povos indígenas são heterogêneos: são centenas de povos e línguas diferentes. Há uma grande diversidade no campo religioso: muitos rituais, calendários sagrados, locais e formas de culto, além de muitos nomes para Deus. É de fato, uma religiosidade includente e ecumênica. Ouvem o outro, cultuam com o outro, aceitam o outro, seja outro índio, padre, pastor ou místico. Em suma, a vida do índio está impregnada de religiosidade (FLORES, 2003, p. 13).

Essa religiosidade favorece a interculturalidade. O índio terena Lucio Flores comenta: “a religiosidade indígena sempre esteve aberta ao diálogo com outras religiões; em alguns momentos se retraiu e até se calou, mas sempre existiu, resistiu e se fortaleceu, em plena clandestinidade (FLORES, 2003, p. 24). E acrescenta:

a mídia vive mesmo é de dramas, catástrofes, epidemias, *bug* do milênio, entre outros; a ideia que se tem normalmente das aldeias é de um povo amedrontado, inseguro e em extinção. Não se busca aqui negar tudo isso, que de fato existe, mas não é só. Se em 1500 éramos cerca de 5 milhões de índios no Brasil, na década de 1950 éramos 170 mil e hoje 330 mil [mais de 800 mil em 2013], houve um declínio e há uma reação; se há alguns anos atrás os pais evitavam ter filhos, temendo confrontos, expulsões, perseguições e grandes caminhadas para fugir dos colonizadores, a realidade hoje é outra. Uma nova consciência tem sido formada: primeiro a reação que vem da própria comunidade, que resistiu por tanto tempo, está viva e que é preciso assegurar o bem-estar às futuras gerações. Segundo, é

preciso reconhecer que ao longo do tempo foram realizadas ações importantes, em nível oficial que possibilitaram certa tranquilidade em muitos territórios tradicionais dos povos indígenas (FLORES, 2003, p. 17).

Como se pode notar, o tema da interculturalidade é, na verdade, um desafio que está posto desde os tempos coloniais e precisa ser reconhecido e articulado. A questão da interculturalidade é central para o entendimento das relações entre culturas e para promover o entendimento entre os povos. Por outro lado, a força das espiritualidades e das religiões na vida humana e nas sociedades perpassa gerações.

CONCLUSÃO

A fé viva do povo Tupinikim tem sido para eles motor de resistência e identidade. Ao experienciar seu criador Monhã no contato com a natureza, na oralidade de suas tradições e mitos, na vida em comunidade étnica, podem expressar sua fé mesmo após longos anos de dominação e cristianização. Além do efeito da evangelização sobre a cultura e religião Tupinikim, houve a exploração de suas terras pelas multinacionais, longas demandas judiciais e conflitos variados. Contudo, não podemos esquecer que nesse contato com o não índio nem sempre houve exploração e nem todos são querem sua destruição. É preciso registrar as boas iniciativas como o asfaltamento das vias públicas, o investimento em infraestrutura, construção de escolas bilíngues, serviço de saúde, polícia, etc. Outro ponto positivo tem sido o contato das instituições de ensino e pesquisa que tem apoiado as causas indígenas, seja na revitalização da língua Tupi, na formação de professores nativos, na visibilidade do povo Tupinikim. Mais do que nunca os Tupinikim creem que Monhã vive e que luta por eles.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Lori. Fé e cultura: a evangelização e outras culturas. In: KEMPER, Thomas & SILVA, Jaider B. de (Orgs.). **Repensando a evangelização junto aos povos indígenas**. 41ª semana welesyana 19 a 22 de maio de 1992. São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

BOFF, Leonardo. **América Latina: da conquista à nova evangelização**. São Paulo: Ática, 1992.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**, Lei 6001/73 – Estatuto do índio, Decreto n. 1775/96.

CARTA ABERTA DAS COMUNIDADES INDÍGENAS Tupiniquim e Guarani do Estado Espírito Santo. Disponível em:
http://www.cedefes.org.br/afro_print.php?id=11681. Acesso em: 22 de abril de 2014.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2009.

CHEUCHE, Antonio do Carmo. **Cultura e evangelização**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

COUTINHO, José Maria. **Uma história do povo de Aracruz**. Vol. 1. Aracruz: Reitem, 2006.

FLORES, Lucio Paiva. **Adoradores do sol: reflexões sobre a religiosidade indígena**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FOLHA DO LITORAL. **Irajá terá escola indígena**. Disponível em:
http://www.folhalitoral.com.br/site/?p=noticias_ver&id=4696. Acesso em 28 de abril de 2014 [2013].

FORNET-BETANCOURT, R. **Religião e interculturalidade**. São Leopoldo: Harmonia; Sinodal, 2007.

IBGE. **Aracruz**. Disponível em:
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/aracruz.pdf>. Acesso em 28 de abril de 2014.